SUINOCULTURA

No varejo, prossegue o processo de elitização da carne de porco, mais evidente quando contrastada com a desvalorização da carne bovina. Os preços sem sustentação, em nível do produtor, e o conseqüente fraco consumo desestimulam os criadores, principalmente na entressafra do milho, importante componente da ração.

Segundo o **IBGE**, o abate de suínos, em 1984, alcançou 8,3 milhões de cabeças e a produção de carne, cerca de 567 mil t, 15% e 12%, respectivamente, a menos do que em 1983. Este levantamento estatístico refere-se tão-somente aos estabelecimentos sob inspeção federal que, ao que se depreende das estimativas da produção total de carne suína(1), respondem por 60% a 70% da oferta.

A matança de leitões foi 48% menor do que em 1983, de acordo com a tendência observada no ano passado, de recomposição do rebanho, prejudicado no ano precedente com a crise de abastecimento do milho derivada da frustração da safra 1982/83.

No Sul, os abates fiscalizados de suínos, no ano passado, ficaram 13% abaixo do registrado em 1983. Esta menor oferta de matéria-prima prejudicou sobremaneira as indústrias da região, que, não raro, foram obrigadas a importá-la de estados vizinhos. O caso mais significativo foi o de Santa Catarina, onde estão instaladas as grandes indústrias integradoras, que passaram a buscar porcos criados no Rio Grande do Sul. Segundo o **Depa-RS**, contabilizou-se a saída de 370 mil cabeças para abate em outros estados, 90% das quais para Santa Catarina. Incluindo-se ainda os animais transportados irregularmente de uma unidade da Federação para outra, conclui-se que a saída de suínos do território gaúcho correspondeu a mais de 24% dos abates **SIF** do Rio Grande do Sul registrados em 1984 (ver Gráfico 05).

Ao longo de 1984, os criadores de suínos beneficiaram-se duplamente, pois, além do aumento dos seus preços, devido à menor oferta, houve o declínio dos preços do milho: em dezembro, sua cotação real média foi 40% menor do que a de janeiro, tendo atingido seu ponto mais baixo em agosto (ver Gráfico 06). Já o preço real do suíno recebido pelos criadores, evoluindo em mercado firme, retraiu-se apenas na época em que tradicionalmente aumenta sua oferta (início do segundo semestre), recuperando-se em seguida, para ceder novamente no final do ano, por força da concorrência da carne bovina. É pertinente observar, entretanto, que o preço real do porco nos três estados sulinos, no final do ano, era quase 3% inferior ao de janeiro.

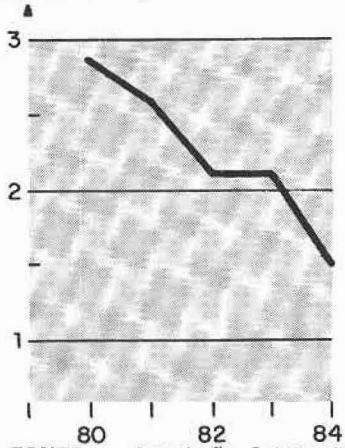
Assim, o preço relativo suíno/milho médio para o ano foi da ordem de 7,0, tendo-se mantido em 8,0 de maio a novembro, proporcionando uma boa rentabilidade aos criadores, uma vez que a relação de equilíbrio é 6,0 (ver Gráfico 07).

Por outro lado, os preços no varejo da carne suína mantiveram-se altos, comparativamente às carnes bovina e avícola, prejudicando-lhe o consumo. Assim, no varejo da cidade de São Paulo, a capacidade de compra do salário mínimo diminuiu de 29 kg, em 1983, para 25 kg, no ano passado. Observe-se, simultaneamente, que se, no final de 1984, o preço da carne suína no comércio varejista daquela cidade era 2,2% menor do que o de um ano antes, o da bovina e o da avícola eram bem inferiores (−13% e −16%, respectivamente).

Em outras palavras, prosseguiu o processo de **elitização** da carne de porco, como conseqüência do elevado grau de industrialização verificado neste segmento, fazendo com que apenas os cortes nobres sejam destinados aos açougues e supermercados. Desta vez, a majoração da carne

RIO GRANDE DO SUL
ABATES SIF DE SUÍNOS – 1980-84

Milhões de cabeças — **GRÁFICO 05**

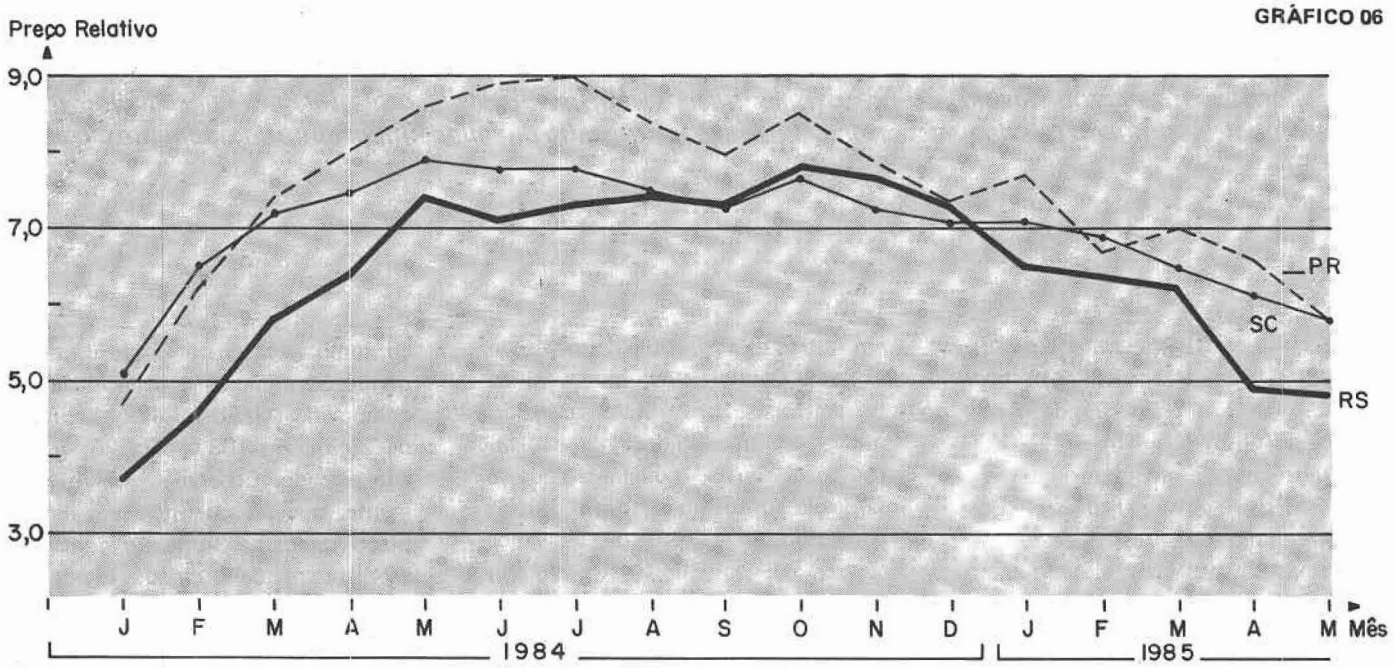


FONTE – Associação Sul-Brasileira de Indústrias de Produtos Suínos.

(1) *O* **USDA** *calculou a produção brasileira em 860 mil t e a* **Secretaria de Agricultura de Santa Catarina**, *maior estado produtor, supõe que seja um pouco maior, talvez chegando a 960 mil t.*

RIO GRANDE DO SUL, PARANÁ E SANTA CATARINA – PREÇO RELATIVO MENSAL SUÍNO/MILHO – JANEIRO/1984 A MAIO/1985

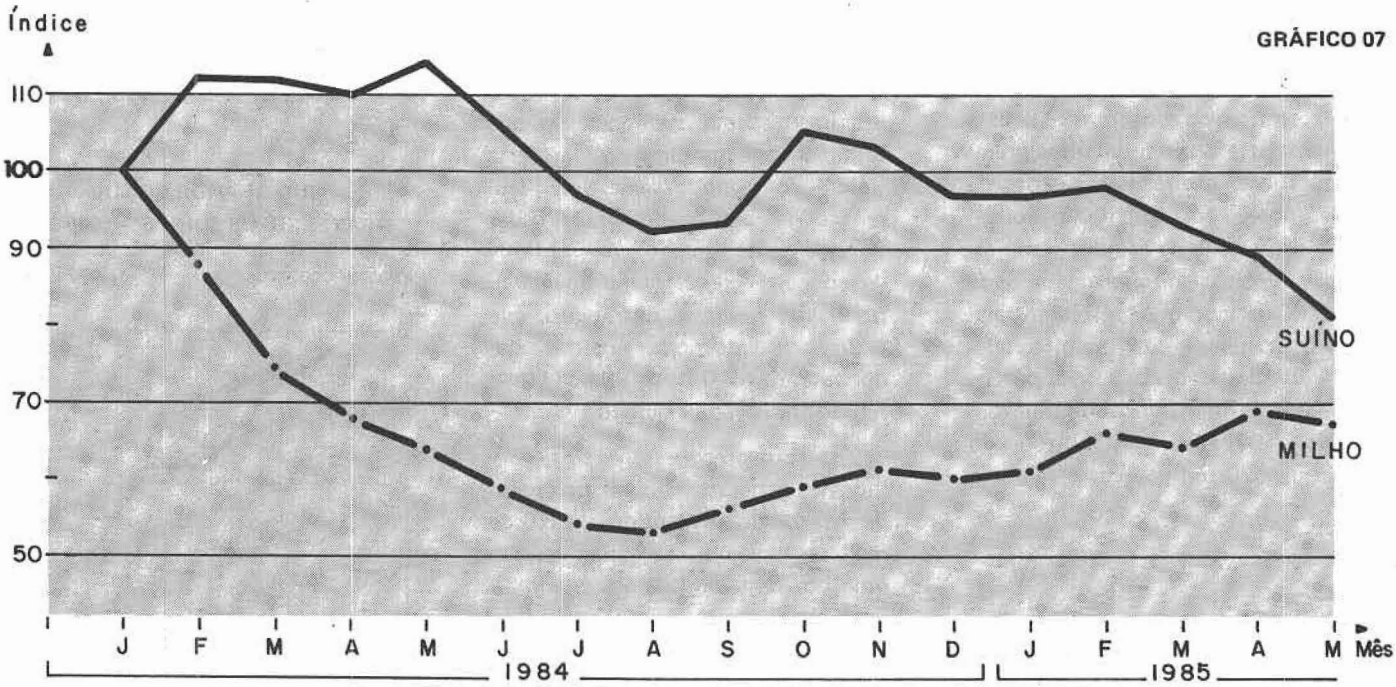
GRÁFICO 06



FONTE – FGV/IBRE/CEA.

REGIÃO SUL – SUÍNO E MILHO – ÍNDICES[1] DE PREÇOS REAIS[2] MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES – JANEIRO/1984 A MAIO/1985

GRÁFICO 07



FONTE – FGV/IBRE/CEA.

[1] janeiro de 1984 = 100.

[2] IGP, coluna 2, de Conjuntura Econômica, para janeiro de 1984.

suína ficou mais evidente, contrastada pela desvalorização observada, até em termos nominais, no preço varejista da carne bovina, registrada no final do ano passado.

No verão passado, portanto, a suinocultura defrontou-se com dificuldades supervenientes ao término das festas de fim de ano, em razão da diminuição na procura da carne de porco, peculiar na época de temperaturas mais elevadas, e das desvalorizações no preço da carne bovina no varejo, a partir de outubro. Posteriormente, no início de abril, o governo tabelou o pernil de porco e os subprodutos como mortadela, presuntada e salsicha, no varejo. Estes itens têm um peso de 0,54% no cálculo do **ICV** e um consumo relativamente elevado.

A favor dos criadores existia, apenas, a perspectiva de regularidade da oferta de milho em 1984/85, não por um excelente resultado na colheita, mas, sim, pela própria retração das atividades avícola e suína. O preço do cereal, por este motivo, demonstrou tendência à queda, ao mesmo tempo em que, no início da colheita, persistia o temor de que os recursos governamentais destinados à comercialização da safra fossem insuficientes. Mesmo com a decisão das autoridades federais de liberarem recursos na medida do necessário, a reação no preço do cereal recebido pelo produtor foi tênue, encontrando-se ainda hoje abaixo do mínimo de Cr$ 30.360/kg(2).

Em suma, o quadro anteriormente favorável à criação de suínos turvou-se ainda mais com a oferta de aves, que, se não pode ser considerada elevada para o potencial do consumo no país, é um pouco superior à capacidade de absorção do mercado.

Neste contexto, o comércio varejista não conseguiu sustentar os elevados preços da carne suína, tendo em vista as desvalorizações nominais registradas nos preços da bovina, sua principal concorrente. Em maio, o quilograma da carne de porco no varejo da cidade de São Paulo custou 31% a menos, em valor real, do que o preço de janeiro, e 23% a menos do que o de um ano antes.

Sintomaticamente, embora o preço relativo suíno/milho, na região Sul, tenha-se situado no primeiro trimestre acima do ponto de equilíbrio (6,0), passou a ser declinante, nos meses seguintes, atingindo 5,0 em maio. Esta nova tendência reverteu a expectativa dos criadores, que, impulsionados pela favorabilidade do mercado, delineada no ano passado, tinham programado expandir a produção (de janeiro a abril, os abates **SIF** de suínos na região Sul, foram 5% maiores do que no mesmo período de 1984).

Em razão do crescimento da produção registrado no primeiro quadrimestre do ano, especialistas de diversos órgãos passaram a acreditar que a oferta total da carne suína em 1985 superará em 5% a do ano passado. Nesta hipótese, o preço recebido pelo produtor deverá declinar, tornando difícil a manutenção da rentabilidade do segmento numa conjuntura em que se mesclam não só a continuada perda do poder de compra dos salários, como, também, a perspectiva de avanço, marginal que seja, na oferta de carne bovina (a de maior preferência) e de 5% na de aves (a mais barata entre as três). Isto porque a relação entre o custo de produção do porco, calculado pelo **Centro Nacional de Pesquisas de Suínos e Aves, da Embrapa,** em Santa Catarina e o preço recebido pelo suinocultor catarinense, no primeiro trimestre deste ano, não só é inferior a de um ano antes como também representa um retrocesso, comparativamente à média do ano de 1984, que foi de 0,83 (ver Quadro 04).

Numa fase, portanto, de preços sem sustentação e de consumo fraco, é de se prever que os criadores se sintam desestimulados, principalmente na entressafra do milho, quando os preços da ração tendem a aumentar. A respeito e como compensação, há uma expectativa generalizada no meio agropecuário de que o governo liberará seus estoques (elevados no corrente ano) de cereais e oleaginosas, de forma subsidiada, no segundo semestre. No entanto, as próprias autoridades governamentais ainda não definiram como a operação será feita, o que impede aos criadores uma programação da produção com maior antecedência.

QUADRO 04 – SANTA CATARINA – CUSTO MÉDIO TRIMESTRAL DE PRODUÇÃO DE SUÍNOS TIPO CARNE E PREÇO MÉDIO TRIMESTRAL RECEBIDO PELOS PRODUTORES – 1984-85

PERÍODO	CUSTO DE PRODUÇÃO (A) (Cr$/kg)	PREÇO RECEBIDO (B) (Cr$/kg)	B/A (%)
1º trim./84	1.140	931	82
2º trim./84	1.237	1.138	92
3º trim./84	1.733	1.327	77
4º trim./84	2.434	2.005	82
1º trim./85	3.393	2.641	78

FONTE – Embrapa e FGV/IBRE/CEA.

(2) A presteza do governo na liberação destes recursos funcionou, contraditoriamente, como fator depressivo dos preços junto aos produtores, pois as indústrias processadoras do grão, confiando na liberação dos estoques governamentais durante a entressafra, arrefeceram suas aquisições.